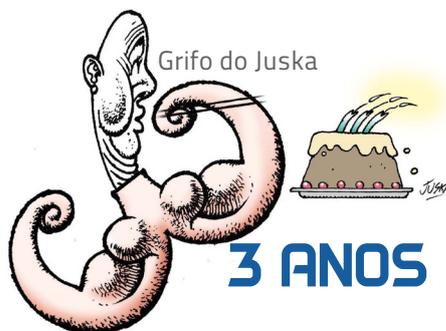


GRIFO

Nº40
OUTNOV
2023

O JORNAL QUE RI



3 ANOS

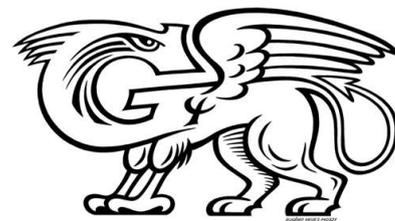
Grifo da Edu



Neste número:
Alisson, Antônio
Máximo, Alexandre
Beck, Bier, Bira
Dantas, Bruno
Ortiz, Carlos
Castelo, Carlos
Winckler, Celso
Vicenzi, Edgar
Vasques, Edu,
Ernani Ssó, Eugenio
Neves, Fabiane
Langona, Graça
Crady, Hals, Jorge
Mau, José Weis,
Juska, Kayser,
Latuff, Lu Vieira,
Luiz Faria, Máucio,
Marco Schuster,
Miguel Paiva,
Mouzar Benedito,
Santiago, Schröder,
Tarso Riccardi,
Uberti.

Edm

3 anos de Grifo
Contra virus e vermes



A gente ri

O GRIFO começou reclamando “Meu, esse governo me irrita”, título do nosso primeiro editorial, em outubro de 2020. No aniversário do ano passado (número 28), a gente reafirmou: “Não há como ser neutro neste país destruído, empobrecido e assustado” e pedimos voto em Lula. Bem, vencemos.

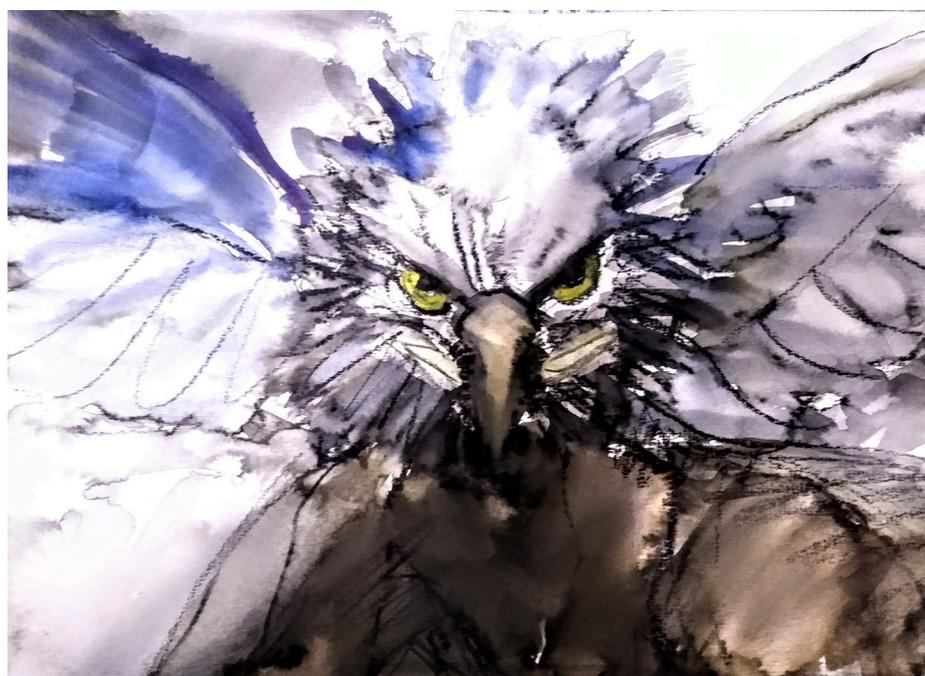
Um ano depois, continua um país pobre, mas com algumas esperanças renascidas. Continua assustado com o noticiário de violência miliciana, de alguns policiais, roubos de armamento em quartel. Mas pelo menos tá vendo ações de governo combatendo violência, contravenções, tráfico.

O GRIFO mantém a escolha de lado na política e na economia, como afirmou na edição 6 (março de 2021), sabendo das pressões do conservadorismo, e do fisiologismo que formou maioria no Congresso e confiando na liderança de Lula.

Nessa edição que marca o terceiro aniversário e inicia o quarto ano, decidimos espalhar diferentes versões gráficas de Grifos pelas páginas, principalmente nas colunas de opinião. Apesar de toda essa seriedade e atenção que o país exige, continuamos apostando que humor de charges, cartuns, quadrinhos e demais desenhos são a nossa melhor maneira de enfrentar a vida e os adversários.

GRIFO, o jornal que ri.

Grifo da Graça Craidy



Expediente jornalgrifo@gmail.com

O Grifo

Jornal de humor e política, desde outubro de 2020. Eletrônico, mensal e gratuito. Publicação de cartunistas da Grafar (Grafistas Associados do RS)

Editores: Celso Augusto Schröder e Marco Antonio Schuster.

Editores adjuntos: Celso Vicenzi e Gilmar Eitelwein

Editor Licenciado: Paulo de Tarso Riccardi

Diagramação: Schröder

Mídias sociais: Lu Vieira

Participam desta edição: Rio de

Janeiro: Miguel Paiva, Máximo

Rio Grande do Sul: Alisson, Bier,

Bruno Ortiz, Carlos Roberto

Winckler, Donga, Edgar Vasques,

Ernani Ssó, Eugênio Neves, Gilmar

Eitelwein, Hals, Lu Vieira, Paulo de

Tarso Riccardi, Santiago, Schröder,

Uberti. Santa Catarina: Celso

Vicenzi. São Paulo: Bira Dantas,

Leia aqui todas as edições do GRIFO

<https://issuu.com/luvieira>.

[ink?issuu_product=header&issuu_subproduct=publisher-suite-workflow&issuu_context=link&issuu_cta=profile](https://issuu.com/luvieira/ink?issuu_product=header&issuu_subproduct=publisher-suite-workflow&issuu_context=link&issuu_cta=profile)

[ink?issuu_product=header&issuu_subproduct=publisher-suite-workflow&issuu_context=link&issuu_cta=profile](https://issuu.com/luvieira/ink?issuu_product=header&issuu_subproduct=publisher-suite-workflow&issuu_context=link&issuu_cta=profile)

[ink?issuu_product=header&issuu_subproduct=publisher-suite-workflow&issuu_context=link&issuu_cta=profile](https://issuu.com/luvieira/ink?issuu_product=header&issuu_subproduct=publisher-suite-workflow&issuu_context=link&issuu_cta=profile)

[ink?issuu_product=header&issuu_subproduct=publisher-suite-workflow&issuu_context=link&issuu_cta=profile](https://issuu.com/luvieira/ink?issuu_product=header&issuu_subproduct=publisher-suite-workflow&issuu_context=link&issuu_cta=profile)

[ink?issuu_product=header&issuu_subproduct=publisher-suite-workflow&issuu_context=link&issuu_cta=profile](https://issuu.com/luvieira/ink?issuu_product=header&issuu_subproduct=publisher-suite-workflow&issuu_context=link&issuu_cta=profile)



Receba o Grifo grátis e em primeira mão

Basta entrar em um dos grupos de WhatsApp para receber sua edição em pdf!

[CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 1](#)

[CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 2](#)

[CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 3](#)

Perdeu, mentor moral

Bolsonaro perdeu de novo. Agora, no Congresso. Ele é o “mentor moral” da ideia de dar um golpe de estado no País, concluiu a CPMI da invasão das sedes dos poderes dia 8 de janeiro deste ano. O relatório da senadora Eliziane Gama (PSD-MA) indiciou o ex-presidente e mais 60 pessoas. No mesmo dia, 18 de outubro, ele teve que ir na PF para explicar (não falou) as mensagens antidemocráticas que distribuía a amigos.

Foi necessária muita articulação do governo e seus aliados para esse resultado.

O relatório vai para a PGR, mas na chinha não tem nada que a investigação policial já tenha descoberto.

Essas CPIs nem eram para existir, mas mostraram o dia a dia da extrema-direita brasileira. Resta delas um obituário.

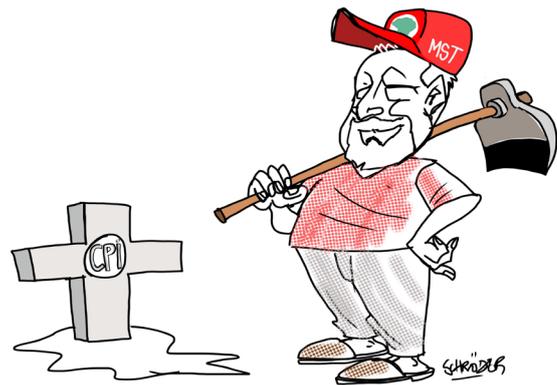
Outras CPIs

MST - A mais cretina das CPIS foi instalada em 17 de maio, sem fato determinado e com a intenção de criminalizar o movimento. O ex-ministro do meio ambiente, Ricardo Sales, até tentou montar um relatório desse jeito, mas sequer foi votado. Presidida pelo deputado gaúcho tenente-coronel Zuco (Republicanos), que recebeu grande apoio de fazendeiros na campanha eleitoral, terminou dia 26 de setembro.

LOJAS AMERICANAS - Objetivo era investigar um rombo de 20 bilhões de reais na empresa, tema de investigação policial. Entre 17 de maio e 26 de setembro não conseguiu determinar responsáveis pela trampa nem prejuízos para consumidores. O relatório é tão absurdo que o PL votou contra junto com PT, PCdoB, PV, PSOL e Rede. Mas foi aprovado.

MANIPULAÇÃO DO FUTEBOL - Durou de 17 de maio a 26 de setembro, sem votação do relatório final. Não descobriu nenhuma falcatrua em jogos da segunda do futebol brasileiro de 2022.

Em todas as CPIs, houve muitas lacrações do tipo “chamou de ladrão na cara” ou “enfrentou o ministro”, normalmente distorcidas. Enquanto isso, o centrão chantageava o governo, que não tem tantos aliados e militância quanto teve de votos. A direita perdeu novamente um ano depois, mas já deve estar montando alguma novidade ruim.



FLÁVIO “DJANGO” DINO



O rodopiar institucional do governo Lula

Carlos Roberto Winckler

Por milímetros as forças democráticas derrotaram em 2022 o governo fascistizante colonial de Bolsonaro, na realidade um governo militar apoiado em forças reacionárias enraizadas no capital financeiro, agroexportador e em base popular desesperada pelas incertezas sociais. Bolsonaro foi continuidade grotesca do golpe de 2016. Com o absoluto desastre econômico e social, já no segundo semestre de 2022, Lula conseguiu aprovar no Congresso a PEC da Transição, liberando recursos fora do Teto de Gastos, que viabilizaram a retomada organizada do Bolsa Família, do Vale Gás e Farmácia Popular além de obras públicas no primeiro ano de governo. Nesse meio tempo as forças bolsonaristas tramaram um novo golpe – a rigor nunca se dispuseram a aceitar a derrota eleitoral – que culminou em 8 de janeiro deste ano, quando os acampados em frente ao comando do Exército em Brasília depredaram as sedes dos Três Poderes na expectativa de que o Exército seria chamado a restabelecer a ordem. O governo recém empossado não caiu na armadilha, apesar de ter conciliado com as forças armadas quando não organizou um grupo de trabalho civil sobre o papel das forças armadas e segurança na transição.

Em nove meses de governo reconstruíram-se políticas sociais (Bolsa Família, Minha Casa minha Vida, Farmácia Popular, aumento do salário mínimo, Plano Brasil sem Fome), lançou-se o Novo Programa de Aceleração do Crescimento, a Estratégia Nacional para Desenvolvimento do Complexo Econômico Industrial da Saúde, empresas estatais saíram do proces-



Grifo do Bruno Ortiz

so de privatização, implantou-se o Desenrola (projeto de renegociação de dívidas), voltaram canais de participação social, a defesa do meio ambiente (em particular da Amazônia) é tema transversal a todas as ações governamentais. A implantação dessas políticas estava condicionada a marcos legais que substituíssem o Teto de Gastos e garantissem o financiamento do Estado. Aprovou-se no Congresso o Arcabouço Fiscal, um mecanismo de controle do endividamento, com regras flexíveis de equilíbrio entre arrecadação e despesas. Está em curso no Senado a Reforma Tributária, já votada na Câmara, restrita a racionalização e simplificação dos impostos. Há forte resistência da maioria conservadora no Congresso a qualquer aumento. Em projeto à parte se discute a taxa de super ricos com depósitos em offshores e fundos exclusivos. A negociação envolve cargos que satisfaçam interesses conservadores e liberação de emendas parlamentares. O Congresso tenta estabelecer uma espécie de semi-parlamentarismo, inclusive com

controle de decisões do STF. Além disso, a independência do Banco Central quanto à política monetária, herança neoliberal de Bolsonaro, condiciona o processo de retomada do crescimento econômico, apesar da caída modesta dos juros nas últimas decisões após fortes pressões. Não obstante é previsto um crescimento de 3,2% no PIB. Sustentável?

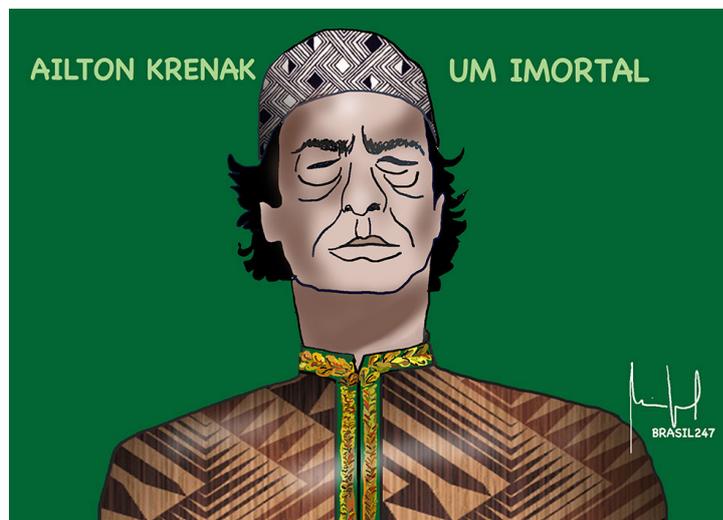
O governo reforçou a presença brasileira na América Latina, promove a unidade de ações em âmbito regional. Abriu canal de diálogo entre União Europeia e Mercosul quanto ao acordo de livre comércio, sob uma perspectiva de soberania. Incrementou relações com a China e com o BRICs – agora ampliado. Defende o multilateralismo. Na presidência rotativa do Conselho de Segurança da ONU tem tomado iniciativas de promoção da paz e diálogo para estancar a crise humanitária palestina em Gaza.

O rodopiar na institucionalidade tem limites. Mas como mobilizar face à dinâmica atual do capitalismo, que alterou profundamente as formas sociais da subjetivação?



O Estado laico resiste

A razão abandonou-nos ao desencantamento. Moderno, o mundo agora só tinha objetos, despojados de animismo e perigosos à tentação. Porém, bastava verificar no parto, realizado a fórceps, decorrente de uma gestação complicada enfrentada pela Cristandade, para constatar que o comportamento de Calvino estava à altura do que lhe fora reservado por Deus. Um mundo novo precisava do lucro e só Calvino o havia explicado e posto a termo para serviço e glória da obra de Deus. Abençoado o dinheiro, indispensável acumulá-lo. Os séculos se passaram, veio a tentação, demonstrando, como sempre, que, com Satanás, não se brinca. A Modernidade era uma espécie de filha desviada que Calvino confiaria aos seus seguidores a missão de trazê-la de volta, recuperá-la ao convívio daqueles que Deus escolheu e que recusam a conspurcação do mundo. É, portanto, nos dias de hoje, uma obrigação, um brado de Deus conservar-lhe a obra, fortalecer sua estrutura enquanto fortaleza, como também excelente acabamento, em ouro, prata e pedras em dólar. Afinal, muitos pastores começam como obreiros, conhecem os caminhos de pedra e, se Deus reservou para os melhores o lugar em um Ministério, é porque sabem que o preço dos serviços e de manutenção da Obra Divina exige ouro, dólar e pagamento antecipado. Satanás não descansa e cobra caro, mas a República laica também não descansa. E paga melhor.





Junte El Niño, administrações públicas privatistas e descaso com a maioria da população e descubra a receita política do Rio Grande do Sul e sua capital. Milhares de desempregados, desabrigados, constantes panes de energia elétrica e liquidação de bens públicos.





PALAVRAS DA SALVAÇÃO

BAR DO NEREU

Caraio, então a guerra da Ucrânia acabou?

Uma das formas de derrotar o Hamas seria tocar música sertaneja em alto volume até todo mundo ir embora.

Pelo menos a gente já sabe pra que a ONU não serve...

Se eu fosse o Lula, mandava aqueles crentes bozolentos resgatados de volta pra Israel.

É falsa a afirmação de que o patrono da Esquadilha da Fumaça seja Bob Marley.

Esse pessoal que é contra o casamento homoafetivo só quer continuar queimando a rosca sem compromisso.

Viajar na maionese ainda é a mais barata forma de conhecer o mundo.

Magno Malta deverá ser convidado a cortar a fita inaugural do primeiro bafômetro fixo do plenário do Senado.

Faz quase um ano que a gente expulsou o parasita. E ele continua parasitando.

Não reclamem da CORSAN. Água é o que não falta.

Adesivo no vidro traseiro de um corsa amassado: "Zeus é infiel".

Bar em época de eleições é sempre um lugar mais insalubre do que de costume. O gato do bodegueiro se recolhe aos seus aposentos. Os humores geralmente excedem a carnicaria corrente nas decisões de campeonato de futebol. E a mentira, senhoras e senhores, cavalgando o bravo corcel das promessas milagrosas, envenena corações e mentes ao longo das campanhas. Semeia a cizânia entre as famílias e desfaz amizades sólidas, destrói amores invejáveis e arrasta ex-colegas de escola entre a delegacia e o cemitério. Naquele fim de tarde a discussão na nossa mesa era justamente sobre o falso testemunho. Por coincidência, bebia conosco um colega oriundo da cidade gaúcha de Nova Bréscia – Sede do Festival Nacional da Mentira. O clima aliviou repentinamente e rimos quando ele mencionou sua naturalidade.

Grifo do Bier



NA BIBLIOTECA

Das várias questões trazidas

Pelos saberes do mundo

Uma que me perturba

É esse jeito de

Que as traças

parecem ter

Quando abro uma

obra rara

Interrompendo seu lanche

Ninguém ali tava mais autorizado a falar no assunto. Gargalhada geral quando ele disse que o campeão do festival daquele ano tinha sido o prefeito eleito.

Limpeza étnica em Gaza

Jeferson Miola

O prazer e o entretenimento dos seres humanos com o apelativo, com a monstruosidade, o escatológico e o trágico são inerentes à natureza humana. Os algoritmos das redes sociais são programados justamente para explorar e monetizar ao máximo esse sentimento.

O Coliseu de Roma, construído na Antiguidade entre o ano 72 d.C. e 80 d.C., era um grande teatro onde mais de 80 mil pessoas se reuniam para sessões de divertimento e êxtase com o dantesco e com o pior martírio que a perversão humana é capaz de inventar.

Depois que se se tornaram “menos apelativos” os espetáculos em que leões e outros animais ferozes devoravam seres humanos, a queima de pessoas passou a ser a nova atração do Coliseu.

Nos espetáculos noturnos, cristãos vestidos com túnicas empapadas com substâncias inflamáveis eram queimados e se transformavam em tochas luminosas do Coliseu. Os corpos contorcidos em dor, suplício e desespero formavam a coreografia macabra que excitava a sádica audiência.

O fogo era o inferno no qual os pecadores deveriam arder até o último sopro de vida. O condenado, desumanizado na sua essência de ser humano, era um animal que merecia qualquer castigo inumano e cruel.

Agora, diante da terrível tragédia em Gaza, não é aceitável que fiquemos passivos, nos comportando como uma plateia entretida com o espetáculo horripilante exibido em modo on-line no “Coliseu contemporâneo” da TV, da internet e das redes sociais.

O espetáculo é exibido como



uma guerra, mas na realidade se trata de extermínio genocida; de matança para vingar os assassinatos inaceitáveis do Hamas em 7/10.

A limpeza étnica não pode continuar sendo naturalizada e transmitida em tempo real sem um repúdio contundente, sem que nada de efetivo seja feito e sem que a ONU condene e mande cessar imediatamente os crimes de guerra e contra a humanidade, perpetrados pelo Estado étnico-teocrático de Israel contra o povo palestino.

Não é aceitável que depois de dez dias o Conselho de Segurança da ONU ainda não tenha determinado o fim imediato da devastação de Gaza.

É difícil acreditar que os EUA e seus aliados europeus, japoneses e canadenses deixariam essa barbárie avançar se as vítimas fossem judeus, e não “animais palestinos” desprezíveis, como se refere o ministro sionista da Defesa Yoav Gallant.

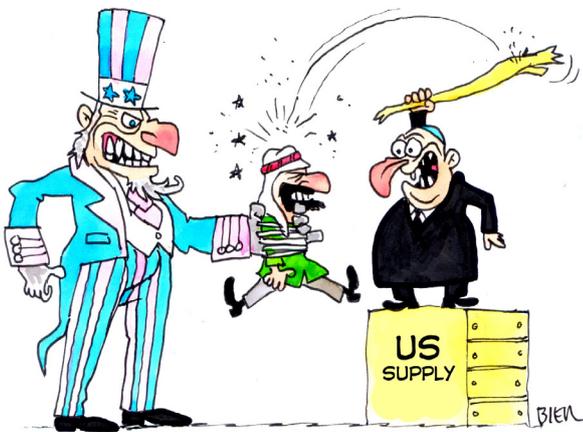
Os 2,3 milhões de habitantes

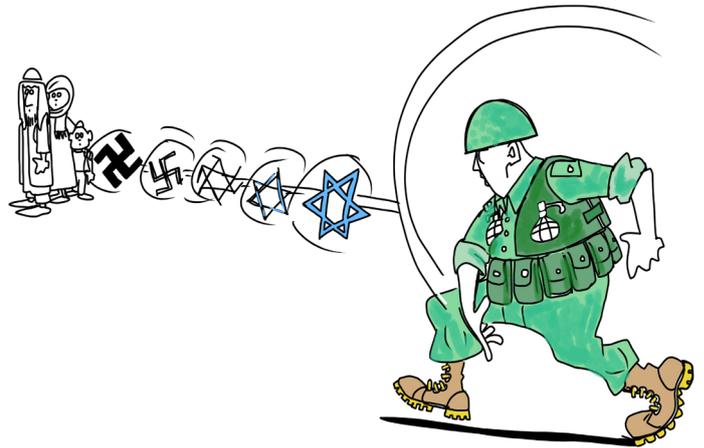
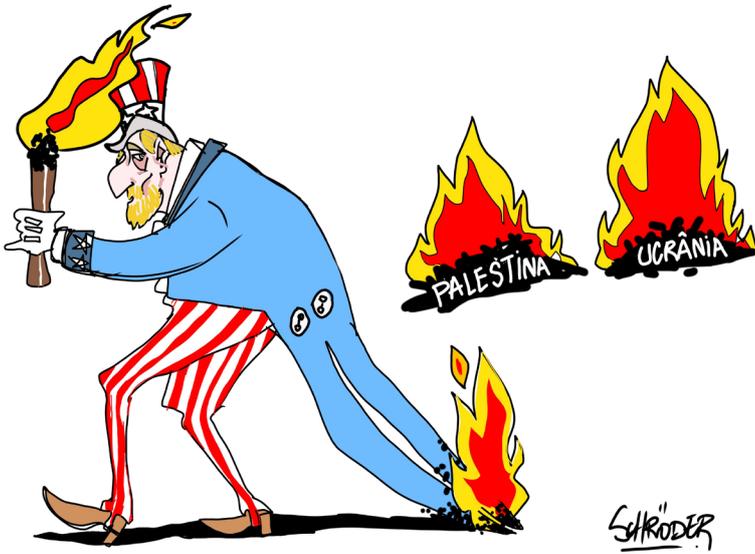
de Gaza vivem na maior prisão a céu aberto do mundo. Estão presos, cercados e controlados por terra, mar e ar. São prisioneiros de um regime de apartheid e tratados como sub-humanos, selvagens e inferiores.

Com o desalojamento forçado de mais de um milhão de palestinos do norte de Gaza, Israel implode a solução de dois Estados nacionais e coloca o povo palestino diante de duas alternativas absurdas: [i] ou abandona o território e vai para a diáspora; [ii] ou é assassinado – por fome, doença, falta de energia, água e medicamentos, por metralhadoras, fósforo branco, bombardeios...

A incapacidade da ONU frente ao genocídio em Gaza representará o fim de linha da humanidade. E significará, também, o fim da própria ONU enquanto expressão de uma institucionalidade falida.

O mundo não será o mesmo se essa tragédia horrorosa acontecer nos termos anunciados por Israel.





Primeira parte de HQ de Kayser

A REPARTIÇÃO DOS BICHOS

Ao contrário do que aconteceu na fazenda imaginada por Orwell, na repartição não foi preciso que houvesse uma revolução...



Successivos governos deixaram o serviço público jogado às traças.

Com o tempo, a seleção natural forjou uma fauna adaptada ao ambiente.



A PEDIDO

OUTRA IMPRENSA É POSSÍVEL

Apoie o jornalismo colaborativo e de alta integridade, comprometido com os direitos e as liberdades coletivas e individuais. Participe dos novos modelos de construção do mundo das notícias.



WWW.ESQUINADEMOCRATICA.COM

JORNALISMO LIVRE E INDEPENDENTE

Neste ambiente, os governos mudavam a cada quatro anos. Mas os cargos de chefia eram sempre ocupados pela mesma tigrada: antas, toupeiras, pavões e outros, que mudavam a pelagem conforme o partido que estivesse no poder.



A propósito, o "dono", frequentemente, era mesmo um burro!



A PEDIDO

**Informação, Análise e Diálogo
no Campo Democrático**

Acesse: www.red.org.br

   RedeEstacaoDemocracia



**REDE
ESTAÇÃO
DEMOCRACIA**

COMITÊ EM DEFESA DA DEMOCRACIA
E DO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO



A PEDIDO

**Bar dos cartunistas:
velha e corra o risco...**

Escadaria da Avenida Borges de Medeiros, 710 - (51) 995 01 37 66
90020-024 - Centro - Porto Alegre



Como se fossem trinta

São três anos, mas parecem trinta, como dizia o Jesus Superstars exausto do Norman Jewson. Os três anos do Grifo foram menos épicos do que a jornada bíblica, mas igualmente dramáticos. O jornal/revista de humor, gestado numa exposição censurada na Câmara de Vereadores de Porto Alegre e inspirado no eterno Pasquim surge para, ao mesmo tempo, enfrentar vírus e vermes. Em meio à tragédia política bolsanarista, agravada pela pandemia desenfreada, o jornal aparece como uma espécie de terapia para cartunistas, jornalistas e intelectuais isolados ao mesmo tempo que assume um papel, em princípio quixotesco, de resistência ao fascismo naquele momento já delineado e em andamento.

Rir da morte, do perigo e da violência sempre foi a melhor forma de enfrentar a realidade mais hostil que aquela geração de artistas gráficos, jornalistas, escritores, economistas, sociólogos e economistas endurecidos na luta contra a ditadura militar já tinham passado. Armados de seus lápis, canetas, pincéis, tabletes e computadores o grupo atendeu o chamado da história e criou uma publicação centrada no humor gráfico e na análise crítica da realidade. O GRIFO chega ao seu terceiro ano com quase a mesma cara com que nasceu. Ajustes aqui e acolá foram definindo uma publicação digital que esperneia para ser maior do que é e reage com escárnio às caras feias do poder.

quer que escreva?

Grifo do Schröder



Pixs

Desde cedo escolhi meu lado: os índios contra a cavalaria, Humphrey Bogart e Paul Henreid contra os nazistas e agora o dos palestinos.

*

Fazer parecer que as guerras são acontecimentos extraordinários causados por ideologia, religião, personalidades ou vontade dos deuses tem sido o esforço permanente das classes dominantes ao longo dos séculos para as futuras vítimas.

*

Por favor, sem falsas equivalências. Se um israelense vale um palestino, Israel não é igual à Palestina.

*

Simplificações são sempre... simplificações. Uma das recentes: o invasor é sempre culpado. Para culpar Putin, sem levar em conta a situação concreta antecedente, esta formulação ignora a invasão da Normandia e não explica a ação do Hamas.

*

Vamos combinar uma coisa? Uma vida israelense vale exatamente uma vida palestina que, por sua vez vale o mesmo do que uma vida belga e esta, por sua vez é igual a uma vida ianomâmi e a uma vida da Rocinha. O jornalismo que não conseguir dizer isto não é jornalismo.

*

Se o John Lennon não tivesse feito mais nada, só o fato de ter pedido que a aristocracia, na apresentação para a rainha, balançasse as joias enquanto o resto batesse palmas já o teria transformado no mais importante artista de rock' roll do planeta. Me lembrei agora, sei lá por que.

BLAU Bier



MORGANA A BRUXINHA Celso Schröder



ARMANDINHO Alexandre Beck



Lu Vieira



Bioma Pampa Schröder



fabiane Langona



AS PANELAS Uberti



RANGO Edgar Vasques



Entre farsas e tragédias

Grifo do Santiago

Hegel disse que as coisas e os grandes personagens acontecem duas vezes. Bela sacada, não? Aí Marx matou a pau: Hegel esqueceu de acrescentar que na primeira vez acontecem como tragédia e na segunda como farsa. Puxa, o que é o poder de uma frase bem feita. Vem sendo repetida há mais de século, é até mesmo esfregada na fuça de certas pessoas.

Mas, cá pra nós, as coisas e os personagens históricos não acontecem duas vezes. Acontecem dezenas e dezenas de vezes – até parecem enredos de filmes americanos. Pegue a mortandade de judeus pelo nazismo, por exemplo. Foi original apenas nos detalhes. Inimigos inventados pelo Estado pra justificar seus fins são tão velhos como o Estado.

Também duvido que a segunda vez aconteça como farsa. Como um genocídio pode deixar de ser tragédia só porque veio com um par de sapatos usados? Mas a coisa é mais complicada, me parece. Até os primeiros genocídios têm sua porção de farsa. É simples: farsa e tragédia estão juntas e misturadas em todos os nossos atos.

Às vezes pode ser difícil de ver. Vendo, é difícil de engolir. Nem falo da digestão. Mas uma coisa é certa: não dá pra tirar o corpo fora.

Não é por nada que a tragicomédia é o gênero mais difícil de todos. Nem Shakespeare, nem Cervantes, nem Gogol acertaram sempre, pra se ter uma ideia da pedreira.

Três bostas

Hitler não era uma figura caricata, como muitos dos imperadores romanos e outros déspotas? A matança que promoveu não diminui o ridículo dele, me parece.



Mussolini era mais caricato, mas como ficam as tragédias que causou? E só porque os números são menores que os do Hitler, é mais palatável?

Certo, Bolsonaro consegue ser mais tosco ainda que o Mussolini. Se, há décadas, os argumentos do fascismo não se aguentavam de pé, no caso de se deparar com uns dois neurônios em funcionamento, como podem ser apresentados de novo e com a mesma fúria e falta de vergonha? A estupidez vem se repetindo século após século, promovendo as mesmas farsas e as mesmas tragédias.

Apenas a destruição das instituições de uma democracia perneta e caolha, como a nossa, já é trágico, não? E isso foi feito empihando uma farsa depois da outra, sem esquecermos uns setecentos cadáveres nada farsescos.

Hitler terá imitado os judeus morrendo sufocados na câmara de gás? Não leva jeito. Isso o torna menos sórdido que Bolsonaro? Ou ele apenas tinha maior consciência de como um poderoso deve se comportar em público?

Bolsonaro e Trump são farsas tão eschachadas que deviam ter sido chutados no primeiro minuto. Mas parece que aconteceu o contrário: o ridículo deles é o que determinou o sucesso. Quer algo mais trágico que isso?

Como não chorar pela Argentina, se Javier Milei ganhar as eleições? Eu sou contra a violência, menos em casos de defesa. Quer dizer, se eu fosse argentino, agarra o Milei e raspava aquele penteado sem dó nem piedade. Aposto que era suficiente pra acabar com a carreira dele.

Bostas simpáticas

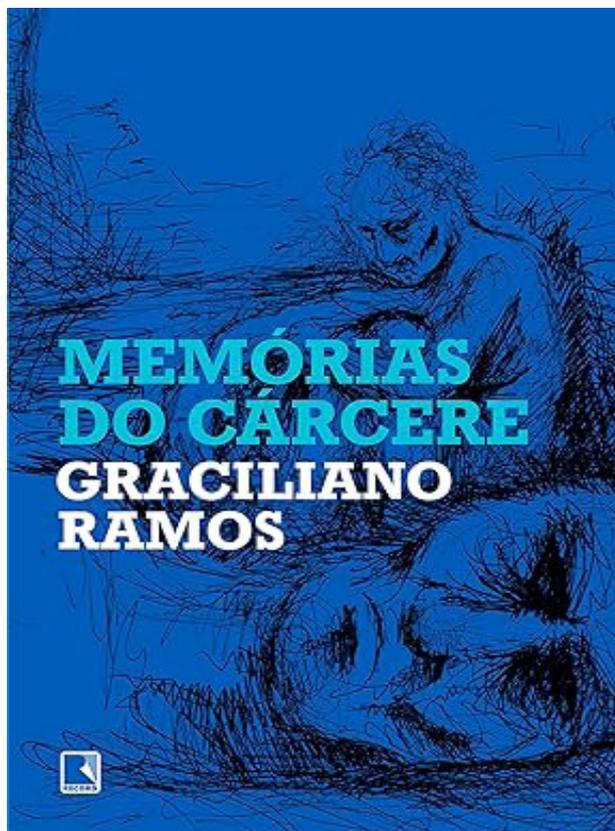
Como se encara figuras tipo Harry Truman e Churchill? Em geral os historiadores perdoam seus crimes em nome do mundo livre, mesmo que esse mundo não conste em mapa nenhum. É mais que perdão: esses genocidas são pintados como heróis. Japoneses e indianos devem pensar que, além da tragédia se repetir sempre como tragédia, a farsa também se repete sempre farsesca, coisa que acrescenta mais uns graus à tragédia.

Os setenta anos da morte do Velho Graça e Memórias do Cárcere

O ano de 1953 foi marcado por importantes acontecimentos literários, dois deles têm um mesmo personagem, saiu o livro *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, que faleceu antes de vê-lo pronto. A primeira edição de *Memórias do Cárcere* inicialmente foi dividida em quatro volumes, pela José Olympio. A editora Record vem publicando a obra de Graciliano Ramos e decidiu editar em um único tomo. A edição contém um posfácio de Wander Melo Miranda, responsável pela supervisão e se guiou pelos datiloscritos deixados pelo escritor.

No dia 3 de março de 1936, Graciliano foi preso, já era quase noite, naquela mesma manhã, encaminhou os originais de seu romance *Angústia* para que fosse datilografado. Graciliano esperou em sua casa que viessem buscá-lo, de banho tomado, de terno e gravata e uma valise pronta, tinha a dignidade dos que têm consciência de sua inocência. “Naquele momento a ideia de prisão dava-me quase prazer: via ali um princípio de liberdade”, relata no primeiro capítulo. O escritor atravessava tempos difíceis, os filhos pequenos, recém-demitido e sem perspectivas de trabalho. Mal sabia que o seu pesadelo estava apenas começando. Amargou dez meses e nove dias nesta injusta condição, porém, cada detalhe minuciosamente registrado do jeito que podia fazê-lo.

“Resolvo-me a contar depois de muita hesitação, casos passados há dez anos”, assim começa Me-



mórias do Cárcere. O texto seco, direto, que poupa o recurso de adjetivos, o estilo conciso, às vezes áspero, descreve cenas cruas.

Diretor com uma brilhante trajetória no cinema brasileiro, Nelson Pereira dos Santos levou às telas duas obras de Graciliano Ramos, em 1963, no período do Cinema Novo, *Vidas Secas* e, em 1993, *Memórias do Cárcere*. Pereira dos Santos manteve sua maneira de fazer a adaptação de um texto com o domínio dos que sabem passar da escrita à imagem sem desperdícios. O filme recebeu prestigiados prêmios em festivais internacionais, casos de Havana e Cannes. “Faltava apenas um capítulo dessas memórias, quando morreu Graciliano Ramos”, escreveu na explicação final, que consta no livro,

Ricardo Ramos, filho do autor. Também há o registro de pai para filha, no caso, Clara Ramos, que tinha três anos no dia em que seu pai foi preso, ela tornou-se escritora. Clara publicou em 1992, o ano que celebrava centenário de nascimento de Graciliano, *Cadeia* (Editora José Olympio). “No começo de 1953, dia 25 de janeiro, Graciliano Ramos é internado na Casa de Saúde São Victor, na Praia do Botafogo. A mudança subitamente o reanima”, escreve a mesma Clara Ramos

em *Mestre Graciliano Confirmação Humana de Uma Obra* (Editora Civilização Brasileira, onde narra os últimos meses de vida do Velho Graça.

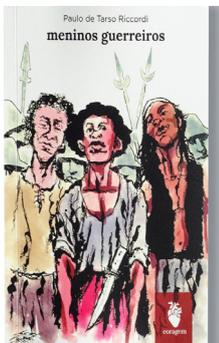
Graciliano morreu na madrugada de 20 de março. A emoção e trâmites burocráticos para com o recém-falecido não impediram uma atitude canalha. Toca o telefone, alguém atende, do outro lado da linha querem saber se está confirmada a morte de Graciliano, uma voz diz apenas:

- Meus pêsames. É do Departamento de Ordem Política Social. Desejávamos saber se podíamos inutilizar a ficha dele.

O bolsonarismo vem de longe. *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, Editora Record, Rio de Janeiro, 2022, 685 páginas.

Meninos Guerreiros

Entrevero é o que não falta em Meninos Guerreiros, de Paulo de Tarso Riccardi (Editora Coragem, Porto Alegre, 2023), uma história encravada no Rio Grande profundo e nem tão antigo. Conta sobre a formação de um grupo de meninos, depois jovens, até tornarem-se homens, em meio a guerras e guerrilhas pela sobrevivência. Desde que nasceram, a vida não foi nem um pouco doce nem fácil para Ulisses, Rato e Bugre, os dois últimos sequer se sabe o nome. Aprenderam cedo a arte da guerra, na prática, sem chances de desistir, apenas seguiam em frente, matando para não morrer, sobrevivendo, anoitecendo sem saber como iriam amanhecer, se ainda estivessem vivos. Riccardi lança mão de seguir os mestres que narraram episódios deste Continente, aventurou-se e se saiu bem. O livro Meninos Guerreiros pega o leitor pelo cangote e não larga, melhor, difícil deixar de ler, curto e grosso. Tipo argumento pronto para uma minissérie, quem se habilita? (José Weis)



Grifo do Tarso



Um pouco menos de um quarto do dinheiro gasto em armas, por ano, poderia erradicar a pobreza e a fome extremas. Esse fato define o bicho homem? Ou é sua sentença? (Ernani Ssó)

Grifo do Máucio



Duas e três, o bozo é internado por “desconforto intestinal”. Pra mim, desconforto intestinal é aguentar a cagada do bolsonarismo, enquanto a grande imprensa e parte do judiciário confisca o papel higiênico. (Ernani Ssó)

Nobel de Literatura é aquela honraria que premia escritores mais desconhecidos do que o código-fonte da Casa da Moeda. (Carlos Castelo)

Dão o nome de “pós-guerra” depois que reduzem tudo a pó. (Celso Vicenzi)

O nível dos advogados dos réus de 8 de janeiro é tão baixo quanto os réus, os mandantes e os simpatizantes. Mas temos que estar atentos. Este é o nível da extrema direita. (Miguel Paiva)

Pelo jeito, o sustentável é insustentável. (Carlos Castelo)

Depois do 8 de janeiro, achar que a violência na Bahia é falha exclusiva do governo estadual ou é ingenuidade ou cretinice ideológica. (Schröder)

Bom não esquecer: a polarização política, no Bananão, não começou com Lula e o bozo. Começou com as capitâncias hereditárias. (Ernani Ssó)



Então está claro: Israel tem “o direito de se defender” detonando prédios residenciais e matando civis palestinos em crimes de guerra, impunemente. É isso, ONU? É isso, “democracias” do Ocidente? (Celso Vicenzi)



O jornalista e escritor Celso Vicenzi, colaborador do GRIIFO, lançou no dia 21 de outubro, em Florianópolis (SC) a segunda edição do seu primeiro livro “Não Me Levem a Sério! – dicionário de humor”. A edição é da Insular, com ilustrações de Clóvis Medeiros e caricatura do autor, na capa, feita por Paulo Caruso. Segundo o escritor Sérgio da Costa Ramos, que assina a orelha do livro, “Celso Vicenzi sabe, como poucos, dar um ‘tombo’ no assunto, na construção da frase surpreendente, quase uma espumante ‘epifania’ que provoca o sorriso do leitor e, muito frequentemente, a gargalhada do espírito”. Contato: vicenzi.celso@gmail.com

Grifo do Juska



Olhando assim quase ninguém acredita, mas esta é a melhor versão que pude fazer de mim. (Celso Vicenzi)

Não sei se vocês concordam, mas essa disputa entre religiões me parece algo diabólico. (Celso Vicenzi)

De profundo nas redes sociais, só a superficialidade. (Carlos Castelo)

Antes de inflamar o discurso, convém molhar a palavra. (Celso Vicenzi)

Engano é a causa mortis mais comum no Rio de Janeiro. (Schröder)

Nenhum homem é uma ilha, mas alguns são um pântano. (Carlos Castelo)

Um machão, modelo bozo, diz ter tido um relacionamento sexual e romântico com Jair Renan. Fiquei encucado. O que será romântico pra eles? Treinaram tiro ao alvo ao luar? Desenharam, a bala, corações flechados em árvores? Tomaram Red Bull com pólvora à luz de velas? Gritavam “selva!” antes de meter? (Ernani Ssó)

RISO DE ANTANHO

*Piadas de Salsão do Pasquim
(acervo da Biblioteca Nacional)*

— Comadre – falou a outra comadre – quanto tempo! Você sumiu?
— Você não soube? É que outro dia, lá na cidade, eu escorreguei numa casca de banana e fiquei quatro dias deitada.
— Pôxa - falou a Maria Joaquina - e não apareceu ninguém pra levantar você? (Pasquim, 17 a 23/03/1978)

Do romance da Petrobrás com o truste internacional ficaram manchas nos lençóis (Pasquim, 28/03 a 04/05/1978)

Urubu estava voando de costas na sorte dele, pediu que lhe indicassem uma cartomante de absoluta confiança. Indicaram. Ele foi, chegou, apertou a campainha. Lá de dentro, a voz da cartomante perguntou:
— Quem está aí?
E ele:
— Olha aqui, não quero mais, não. (Pasquim, 23 a 29/11/1979)



Mouzar Benedito

Hamas, grupo cruel,
Seu inimigo também é,
Mas mais poderoso: Israel
*

Tá cheio disso:
Boca de mel,
Coração de fel.
*

Israel, Estado plural?
Ou quer para palestinos
A dita “solução final?”
*

Perdeu a vergonha, hein?
Ninguém perde
O que não tem.
*

Máxima verdadeira:
O que mata velho
É queda ou caganeira.
*

Gomorra tem inveja:
Fala-se muito de sodomia
E nada de gomorria!
*

O mundo gira,
Mas o Brasil
Parou no Lira!
*

O mal de nossos avós,
Fizeram eles,
Pagamos nós.
*

Fiquei frágil
Por causa da idade...
Que fragilidade!
*

Uma cadeira de madeira
Espera as cadeiras
Da moça reboladeira.
*

A pindaíba continua igual,
Mas Terceiro Mundo,
tchau:
Agora somos do Sul
Global.

Grifo do Juska



No Brasil, o termo “protegido por lei” é um paradoxo. (Carlos Castelo)

Quando todo mundo é engraçadinho, ninguém é humorista. (Carlos Castelo)

Li por aí algo mais ou menos assim: “O comunismo não quer ficar com tua casa, com teu carro, com tua poupança. Quem quer isso são alguns pastores evangélicos”. Olha, os pastores são fichinha perto dos banqueiros. (Ernani Ssó)

O mau escritor de aforismos escreve meias verdades; o bom, verdades e meia. (Carlos Castelo)

Dê aos políticos as oportunidades certas e eles serão capazes de não fazer nada. (Carlos Castelo)

Grifo do Mau



Quando chega o Novembro Azul eu sei que é preciso prevenir o câncer de próstata, não precisa me dar um toque. (Celso Vicenzi)

As guerras “modernas” são muito parecidas com as mais bárbaras da história. (Celso Vicenzi)

Bolsonaro pensa na delação premiada e CIDesespera. (Celso Vicenzi)

Sabe quem entrou em extinção? A pomba da paz. (Carlos Castelo)

Considero um crime bárbaro a queima de bruxas. Mas, no caso da Damares, sei não, é capaz de vocês terem de me segurar. (Ernani Ssó)

Melo trocou Carris por terrenos fantasmas? (Schröder)

Enquanto Deus procrastina a confirmação de sua existência, o demônio faz o diabo nas redes sociais. (Carlos Castelo)

RIP de Janeiro, gostava de você. (Carlos Castelo)

Se bagrinhos com a cabeça feita pela grande mídia e o gabinete do ódio, financiados por empresários e protegidos pelas Forças Armadas e grande parte do judiciário, pegaram em média 17 anos de cana, o pessoal da grande mídia, do gabinete do ódio, do empresariado e das FA e judiciário devem pegar o quê? Perpétua? (Ernani Ssó)

Para cada pergunta que não quer calar, às vezes tem uma resposta querendo silenciar. (Celso Vicenzi)

Se tem uma coisa que o brasileiro não precisa fazer é curso de jejum intermitente. (Carlos Castelo)

“O prazer é todo seu” – disse a mão ao onanista. (Carlos Castelo)

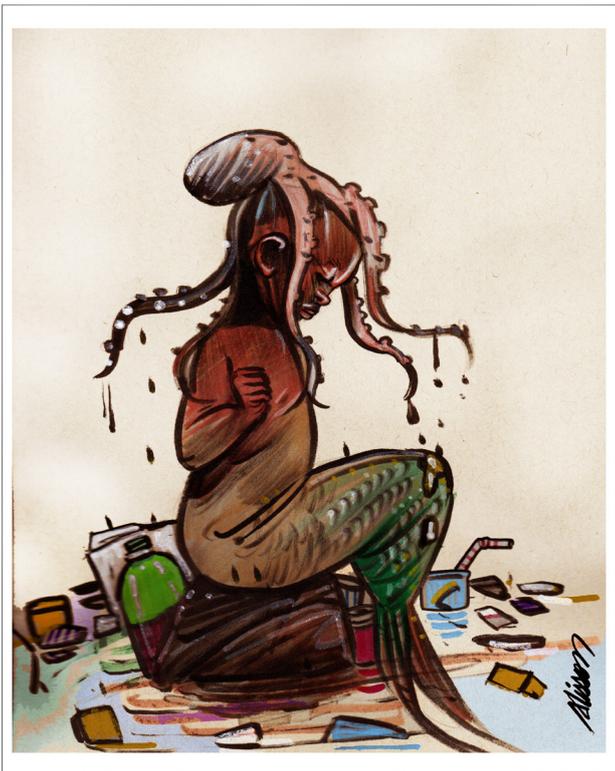
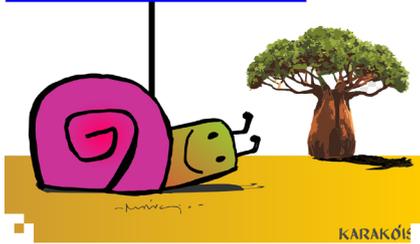
Ditadores só usam roupa feita com linha dura. (Celso Vicenzi)

Grifo da Lu Vieira





O problema não é o profissional não ter lido os dois príncipes.
A questão é ele ter tido acesso a eles e não ter percebido as diferenças.



Precisamos falar sobre Moro

Continuar vivendo numa democracia e vendo o ex-juiz Sérgio Moro circulando impune é uma contradição. Para uma pessoa mais sensível como eu, ele nunca enganou ninguém. Desde que recebeu o prêmio Faz Diferença do jornal o Globo criou em mim uma certa desconfiança. Juiz não recebe prêmio pela sua atuação. Não é mais do que obrigação, mas ali, a vaidade, foi o primeiro sinal. Depois vieram outros. Ele foi vestido com camisa grafite escura e gravata preta. Além do extremo mau gosto demonstrava, pelo menos na minha cabeça, uma estética beirando o fascismo. Não gostei. Fiquei resabiado.

Depois começaram a surgir os boatos sobre seu envolvimento com a CIA, suas idas frequentes aos Estados Unidos e seu interesse na Petrobrás. Mas havia um empecilho. Lula, depois de Dilma era o candidato mais forte à reeleição. Isso iria atrapalhar todos os planos de Moro e a turma que estava com ele. Nesta época ainda não se sabia ao certo e Moro criou uma imagem de paladino, de salvador da pátria que enganou a muitos. Virou bloco de carnaval com o aplauso inclusive de parte da classe artística e daí em diante o caminho ficou mais apoiado e facilitado. Julgou e prendeu Lula sem provas e liberou o caminho para a volta ao poder da turma liberal e do mercado de capitais.

A ideia, mesmo golpista disfarçada, era esta. E muita gente continuou caindo. Só não contavam com a eleição de Bolsonaro que acabou escapando do planejamento. A direita institucional não tinha candidato. Bolsonaro foi lá e pimba. Mas a turma topou. O mercado de capitais fechou os olhos para a truculência do capitão e apostou

no Paulo Guedes. Meu deus, que aposta! Claro que não deu certo e



Grifo do Miguel Paiva

com esta anuência a gandaia autoritária se estabeleceu. O mercado demorou a acordar e não gostar do panorama sobretudo enquanto Moro batia na corrupção.

Corrupção é a palavra chave. É o que a direita, coincidência ou não, mais detesta. Mas é o que mais faz. O Não Roubar é o mandamento mais seguido porque fala da propriedade privada e sua manutenção, princípio sagrado para os neoliberais. Note-se que Lula estava sendo acusado sem provas de se apossar de duas propriedades privadas, o triplex no Guarujá e o sírio em Atibaia. Aí ficou fácil. Era como cometer pecado mortal na frente da cruz. Todos caíram e Sérgio Moro não resistiu. Virou candidato de Bolsonaro ao Ministério da Justiça, abandonou a carreira de juiz e começou a se dar mal. Entrou a verdade histórica e suas consequências implacáveis. Ainda demorou para a elite aceitar, mas até o próprio STF, reconhecendo seu erro desfez toda a trama. Absolveu Lula e Dilma, suspeitou de Moro e sua galera e facilitou com isso que Lula voltasse a brigar pela eleição. Foi duro. Bolsonaro ainda usou, e hoje a gente comprova, to-

das as ilegalidades que podia, mas assim mesmo perdeu.

Com Lula eleito ficou mais fácil de se descobrir que era na verdade Sérgio Moro. Um ninguém cheio de planos. Aliás, cada vez mais comum este personagem na nossa política. Um ninguém cheio de planos. Virou senador da república, sabe-se lá como e junto com outros, inclusive o parceiro Dallagnol tentou entrar para a política e se estabelecer. Dallagnol já foi cassado, agora as sujeiras de Moro que de um certo modo explicam seu sucesso, vão aparecendo. É uma questão de tempo para a História se manifestar. Depois do depoimento do General Heleno na CPMI, Moro se aproximou junto com Damares para felicitar o depoente foi por si só uma confissão de culpa.

Moro é um conservador de direita, radical, capaz de adulterar a democracia para cumprir suas metas. Aquela camisa escura com gravata preta mostrou quem ele era, queira ou não queira. O Brasil vai retomando seu caminho apesar dos entulhos deixados na estrada e Moro vai desaparecendo no espelho retrovisor. Para sempre, espero.

O nível dos advogados dos réus de 8 de janeiro é tão baixo quanto os réus, os mandantes e os simpatizantes. Mas temos que estar atentos. Este é o nível da extrema direita.

Depois do caso da menina Heloísa a gente pergunta: o que vale mais, um carro roubado ou uma vida roubada? A polícia continua atirando impunemente.

GRIFO

CONTRACAPA

HQ
Kayser apresenta a primeira parte de HQ que analisa o mundo do trabalho

PÁGINA 11,12 e 13

MUNDO
Grifo repudia massacre israelense em Gaza

PÁGINA 8,9 e 10

MIGUEL PAIVA
Não esqueçamos o Moro

PÁGINA 23

Grifo do Hals



Grifo do Latuff



Contra o fundamentalismo